**DEPOIMENTO DE UMA STYLIST**

Quando criança, meu hobby era criar roupinhas de papel para bonecas que vinham encartadas em revistas infantis, verdadeiro sucesso nos anos 70. Se não havia dinheiro para adquirir mais modelos, o jeito era fabricar as próprias roupinhas com recursos caseiros, e eu me esmerava em desenhar, pintar e recortar os vestidos mais bonitos, para “fazer as pessoas felizes”. A moda era a fada-madrinha perfeita para realizar tal façanha, e eu pedia sua varinha de condão emprestada, sem nenhuma pretensão que não fosse exercitar meu lado lúdico e as fantasias da idade. Em cada momento especial da minha vida, havia uma roupa para contar essa história, com detalhes e emoção pois, muitas vezes, a peça já havia sido de algum parente e depois reformada para outras ocasiões importantes, costurando as lembranças de entes queridos às nossas memórias. Vestidos de casamento transformavam-se em vestidos de primeira comunhão, graças a mãos habilidosas e treinadas - as tais prendas domésticas que hoje raras possuem - passando por várias gerações de mulheres, onde uma vestia as lembranças da outra, perpetuando as histórias da família. Assim era na casa de minha avó paterna, onde eu passava as tardes remexendo nos armários e tocando, maravilhada, os tecidos dos vestidos de baile das minhas tias, todos guardados a sete chaves pela Frau Müller, para um dia vestirem as novas Cinderelas da família. Eu, muito orgulhosa, herdei algumas preciosidades que foram gentilmente adaptadas para mim na Singer antiga da oma, que nunca estudou, mas era “Phd em economia circular”, na sua simplicidade e sabedoria doméstica.

Quando cheguei à idade de optar por uma profissão, no início dos anos 80, ainda não existiam cursos de ensino superior de moda no Brasil, restando seguir a vontade de meu pai: formei-me advogada aos 22 anos, de toga alugada e um vestido da minha mãe por baixo, sempre obcecada pelas roupas que marcavam momentos e faziam as pessoas felizes. Das bonequinhas e roupas de papel, fui conciliando os estudos com passagens por várias áreas dentro do universo da moda, vivenciando diferentes funções, desde modelo, produtora de moda, sócia de marca de underwear, consultora de tendências, apresentadora de televisão, stylist e, mais recentemente, um mergulho no mundo acadêmico como pesquisadora, após concluir um mestrado em Portugal. A moda e suas diversas percepções sempre estiveram no meu caminho e nas minhas escolhas de vida, ainda que eu não me apercebesse. Foi acontecendo gradualmente, naturalmente, e nunca de forma linear, mas acredito que acabamos atraindo aquilo para o qual fomos destinados, não importa por qual desvio chegamos. Maktube e voilá, aqui estou, tentando até hoje tornar-me quem sou, seguindo a máxima nietzscheana.

Passei a lecionar recentemente em cursos de design de moda, com o firme propósito de compartilhar a experiência e as histórias de mais de trinta anos de atuação profissional num mercado com muitos desafios e dificuldades em toda a cadeia produtiva, mas relativamente estável até a chegada da globalização. Com a consequente aceleração dos processos envolvendo a fabricação de vestuário e o aumento do consumo em níveis exponenciais, de repente as roupas se tornaram baratas e rapidamente descartáveis, gerando incontáveis pilhas de lixo têxtil nos aterros sanitários. O consumo virou consumismo e os ciclos de moda se tornaram tão curtos que designers e stylists trabalhavam três coleções ao mesmo tempo, correndo atrás de tendências que mudavam mais rápido ainda, tentando se antecipar e despertar mais desejo, incitando as pessoas a comprarem mais do mesmo, ou pior, algo de que sequer necessitavam. A lógica capitalista exigia rapidez e muita variedade para vender algo que não fazia as pessoas felizes e sim frustradas, pois, quando adquiriam o produto, este tinha se tornado obsoleto ou banalizado e já se buscava outra coisa para saciar o apetite pelo novo e pela obsessão de “estar na moda”. Na passagem do ano 2000 e na década seguinte, eu já estava cansada do ritmo insano e das terríveis classificações de “in” e “out”, da instabilidade estética e da velocidade com que as roupas eram compradas e deixadas de lado, ainda que estivessem em condições de uso. O que seria normal, dado que moda é mudança, como já confirmou Lipovetsky em seu “Império do Efêmero”, mas eu não suportava mais os excessos e o desperdício que via em meu próprio trabalho, sendo obrigada a oferecer aos clientes incontáveis opções de produção nos briefings cada vez mais exigentes em termos de variedade e quantidade de itens, sem a menor necessidade. Não estava feliz fazendo parte desse sistema e sentia falta das roupas “que faziam as pessoas felizes”, que marcavam momentos e que costuravam lembranças.

A moda que eu conheci quando menina, com qualidade e durabilidade, que passava de mãe para filha e era compartilhada pelas famílias, preservada em forma de roupa, como bem precioso, verdadeira herança tal como os objetos de decoração e os móveis, havia desaparecido. Com o surgimento das grandes redes de fast fashion, ainda que se tenha promovido o acesso popular à moda com design, antes restrita às elites, também revelou um lado terrível da indústria da moda que poucos sabiam: o alto custo humano para que essas roupas chegassem às lojas tão rapidamente e a preços tão baixos. Nunca imaginei que a não submissão à aparência do momento poderia destinar os mais incautos ao limbo dos “fora de moda” e dos excluídos socialmente, no julgamento superficial do “dizei-me o que vestes e te direi quem és”. Essa visão reducionista me incomoda até hoje, mesmo vivendo na sociedade da imagem. Após o Rana Plaza e suas terríveis consequências em 2013, fiz um mea culpa, pois orbito em torno dessa indústria, que precisa se reposicionar com urgência e repensar seus processos, produtos e pessoas envolvidas. É primordial dar luz ao trabalho invisível de quem faz as nossas roupas, trabalho mal remunerado, subvalorizado e literalmente jogado no lixo, junto com as roupas que não se quer mais, como se não valessem nada.

Hoje, cada vez mais, penso que a moda, e seus diversos atores, onde me incluo, com esta modesta contribuição, podem e devem considerar um caminho de resgate do que é essencial, conscientes de suas ações e escolhas, validando as práticas de um mercado ainda em transição para a sustentabilidade lato senso, mas ressignificado e imbuído do propósito de voltar a fazer as pessoas felizes.

**Madeleine Muller [Abril de 2018]**